

LT-12

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
FACULDADE DE LETRAS

A PROBLEMÁTICA DAS VARIANTES DA LÍNGUA

♦ XITHSWA ♦

- O CASO DE XINYAI -

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE LICENCIATURA

*RAFAEL SENDELA CHAMBELA*

MAPUTO 1999

LT-12

# A PROBLEMÁTICA DAS VARIANTES DA LÍNGUA XITSHWA

- O CASO DE XINYAI -

DISSERTAÇÃO APRESENTADA EM CUMPRIMENTO PARCIAL DOS REQUISITOS  
EXIGIDOS PARA O GRAU DE LICENCIATURA EM LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE  
EDUARDO MONDLANE POR RAFAEL SENDELA CHAMBELA

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Maputo, Moçambique  
Supervisor: Prof. Dr. Gregório Firmino

F. LETRAS U.E.M.
R. E. 27/12
DATA 17/fevereiro 2020
AQUISIÇÃO
COTA 1.1.12

= 432.99 (679)  
C 442.8

## DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto na bibliografia as fontes que utilizei.

i

F. LETRAS U. E. M.	
R. E.	.....
DATA	..... / ..... / .....
AQUISE	.....
COT.	.....

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível graças ao apoio diferenciado dispensado por inúmeras pessoas que muito bem me querem. Sem nenhuma exceção, a todas essas pessoas desejava manifestar a minha muito simples, mas profunda gratidão, especialmente:

Ao professor Dr. Gregório Firmino, meu supervisor, pelo rigor e perfil académicos que pacientemente soube inculcar em mim desde os primeiros momentos de supervisão da minha dissertação até à sua conclusão.

Aos meus colegas do curso e do grupo de estudo pelo apoio que sempre dispensaram sem fazer de mim um penhor da relação existente entre nós.

A minha mulher Arminha Chambela a quem dedico um venerado respeito pela maneira como soube aceitar partilhar as minhas atenções com actividade académica que ao longo dos cinco anos me furtou do efectivo convívio conjugal.

As minhas filhas Glads, Ália, Arminda e Rafaela, que com as suas vozes de "chirico" tanto me dileitavam, vigorizando-me, desta maneira para mais uma etapa académica a enfrentar.

Ao meu grande amigo Salema Chibique pela forma tão ímpar como me dispensou o apoio material e moral, sem olhar para qualquer tipo de deslize que pudesse pôr em causa a nossa relação.

## Índice

Declaração.....	I
Agradecimentos.....	II
Resumo.....	III
Índice.....	IV
Símbolos e Convenções.....	V

## Capítulo I

1. Introdução.....	1
1.1. Tema: A problemática das variantes da língua Xitshwa – o caso de Xinyai.....	2
1.2. Objectivos do trabalho.....	2
1.3. Motivação para a escolha do Tema.....	2
1.4. Importância do trabalho.....	3
1.5. Definição das hipóteses.....	4
1.6. Procedimentos metodológicos.....	4

## Capítulo II

1. Revisão bibliográfica.....	8
1.1. O conceito em torno da língua.....	8
1.2. Comunidade Linguística.....	10
1.3. Línguas em contacto.....	11

## Capítulo III

1. Dados Ethnohistóricos: por uma definição dos Vanyai.....	12
1.1. Dados históricos mais relevantes sobre Inhambane.....	12
1.2. A história de Govuro.....	12
1.2.1. Localização.....	12
1.2.2. Ethnohistória.....	14
1.2.2.1. Os Vahlengwe e Vamhandla.....	15
1.2.2.2. Os Vadzivi.....	15
1.2.2.3. Os Varhonga.....	15
1.2.2.4. Os Vanyai.....	16
1.2.2.5. Os Vandau.....	17

## CAPÍTULO IV

1. Apresentação e sistematização de dados.....	21
1.1. Aspectos estruturais.....	22
1.1.1. A estratégia da construção dos principais tempos verbais.....	22
1.1.1.1. Presente.....	22
1.1.1.2. Futuro.....	25
1.1.1.3. Passado.....	28
1.1.2. A estratégia das construções passivas.....	33
1.1.2.1. Comprar.....	33
1.1.3. Estratégia das construções locativas.....	35
1.1.3.1. Direcionalidade.....	35
1.1.3.2. Interioridade.....	39
1.1.4. Partículas associativas.....	42
1.1.5. Partículas instrumentais.....	44
1.1.6. O Léxico.....	45
1.1.7. Sistema de contagem.....	47
1.2. Aspectos sociolinguísticos.....	49
1.2.1. Teste de inteligibilidade.....	49
1.2.2. Entrevistas efectuadas no distritos de Govuro.....	50
<b>II. Conclusões</b>	
1. Sobre aspectos estruturais.....	52
2. Sobre aspectos sociolinguísticos.....	54
<b>II. Recomendações.....</b>	<b>55</b>

## SÍMBOLOS E CONVENÇÕES

Ext. V.=	Extensão verbal
MP=	Marca de pessoa
MT=	Marca de tempo
MO=	Marca de objecto
MOD=	Modo
RV=	Radical do verbo
UL=	Unidade Linguística
UL1=	Unidade Linguística Xitshwa
UL2=	Unidade Linguística Xinyai
UL3=	Unidade Linguística Ximashanga

## Capítulo I

### 1. Introdução

Segundo Ngunga e Firmino (1989, pp.1-4) "Moçambique é um país multilingue onde existem diversas línguas Bantu juntamente com a língua portuguesa e outras ". Esta diversidade de línguas está associada à complexidade que se coloca quando se pretende determinar, com exactidão, o seu número. A discussão deste aspecto é referida noutros trabalhos, por exemplo, em Katupha (1985) e Ngunga (1992), mais outros.

Esta problemática da dificuldade da determinação do número exacto das línguas moçambicanas alia-se também à questão de saber como é que cada uma delas pode ser delimitada linguisticamente, ou quais os dialectos integráveis em cada uma delas.

Um caso concreto é o de variante linguística falada entre regiões onde predomina o Ndau e o Xinyai, que segundo o relatório do NELIMO (1989) é um dialecto integrante do Xitshwa.

Contudo, uma observação atenta à localização do Xinyai, que se encontra na zona de convergência entre o Xitshwa e o Cindau, tornará legítimo colocar a hipótese de poder ser dialecto de Ndau. O facto de os dados do NELIMO (1989) necessitarem de resposta a teste de um trabalho de campo mais sólido, é

suficiente para legitimar este questionamento e assentar-se a validade de um estudo que possa dar esclarecimento sobre o estatuto dialectal do Xinyai.

Assim, o nosso tema surge para fazer um estudo que permita um melhor enquadramento linguístico do Xinyai.

Neste capítulo vamos fazer a apresentação do trabalho, indicando os seus objectivos, a motivação para a escolha do tema e a sua importância. Finalmente, faremos constar as hipóteses estabelecidas e os procedimentos metodológicos obedecidos para a validação da hipótese.

### 1.1 TEMA: A PROBLEMÁTICA DAS VARIANTES DA LÍNGUA XITSHWA- - O CASO DE XINYAI.

### 1.2. OBJECTIVOS DO TRABALHO

O nosso objectivo é procurar verificar se o Xinyai é ou não uma das variantes de Xitshwa, atendendo a que estando numa zona onde convergem o Xitshwa e o Cindau, poder haver a possibilidade de ser uma variante de Xitshwa como alguns factos empíricos, a explicar neste trabalho, permitem pressupor.

### 1.3 MOTIVAÇÃO PARA A ESCOLHA DO TEMA

O interesse pelo tema foi motivado por um lado, pela leitura circunstanciada do capítulo "Proposta da ortografia da língua Xitshwa" do relatório do NELIMO (1989:120) em que, o Xinyai, idioma falado no distrito de Govuro, Província de

Inhambane, é tido como dialecto de Xitshwa, quando a nossa experiência prática induz-nos a questionar sobre veracidade da afirmação formulada naquele relatório do NELIMO(1989), pois parece não haver inteligibilidade entre o Xitshwa e o Xinyai.

A nossa dúvida e vontade de desencadear uma acção que permitisse a obtenção de dados substancialmente sustentáveis, foram ainda mais motivadas pelas limitações reveladas pelo mesmo relatório, ao afirmar que os dados por ele apresentados careciam de comprovação devido às dificuldades, nesse momento, de acesso às zonas onde se fala o Xitshwa para, *in-loco*, se proceder à verificação necessária.

Assim sendo, a nossa intenção foi, uma vez ultrapassadas as barreiras de acesso às zonas onde se fala Xitshwa (neste caso, Morrumbene, Massinga, Funhalouro, Mabote, Vilankulo e Inhassoro), Xinyai (no distrito de Govuro) e Cindau(no distrito de Machanga, Província de Sofala ), desencadear um estudo que permitisse ultrapassar as dúvidas que se movem em torno da definição da posição do Xinyai no contexto de Xitshwa e de Cindau, em complementação do trabalho já iniciado pelo NELIMO.

#### 1.4 IMPORTÂNCIA DO TRABALHO

O trabalho irá contribuir para identificar em que grupo linguístico está enquadrado o Xinyai, melhorando-se assim a visão da diversidade linguística

que se tem em Moçambique caracterizada pela falta de uniformidade numérica e da definição dos dialectos que fazem parte de cada língua.

### 1.5 DEFINIÇÃO DAS HIPÓTESES

A hipótese considerada no estudo coloca a possibilidade de o Xinyai, contrariamente ao postulado em NELIMO (1989), não ser um dialecto que faz parte de Xitshwa. Antes, o Xinyai parece ser uma variante de Ndaou, fazendo portanto parte do grupo Shona.

Assim, colocam-se os seguintes planos hipotéticos, a serem tratados neste estudo:

- a)- Xinyai, uma variante de Cindau.
- b)- Xinyai, uma variante de Xitshwa.

### 1.6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para que o trabalho fosse mais coerente, definimos procedimentos metodológicos para a recolha, tratamento e análise de dados.

A recolha de dados foi feita através do trabalho de campo realizado nos distritos de Inhassoro e Govuro (Província de Inhambane) e Machanga (Província de Sofala).

O distrito de Inhassoro foi abrangido por nele se situar a variante de Xitshwa (Ximhandla) mais próxima de Govuro, zona onde se fala o Xinyai. O de Govuro, por nele se encontrar a língua alvo, o Xinyai e, finalmente, o distrito de Machanga, em virtude de nele se situar o Ximashanga, variante de referência de Cindau.

Nestes locais realizámos inquéritos abertos a informantes singulares e colectivos falantes nativos de Xitshwa, Xinyai e de Cindau, de ambos os sexos, quer jovens, adultos, quer idosos, como forma de tornar os dados mais representativos.

Os dados recolhidos estão relacionados com aspectos referentes ao léxico, algumas estruturas gramaticais (construções passivas, locativas e flexão verbal dos principais tempos), que serviram de mecanismo de comparação, como o comportamento sociolinguístico dos falantes de Xinyai para não só se apurar até que ponto eles se sentem e se confessam como membros da comunidade linguística tshwa ou ndau, bem como para avaliar o grau da inteligibilidade entre o Xinyai e Xitshwa ou entre o Xinyai e o Cindau.

O trabalho de campo permitiu abranger um total de 134 informantes, assim distribuídos:

- (i) Distrito de Govuro - Província de Inhambane:

- Homens--- 58
- Mulheres --30
- Total-----88 falantes nativos de Xinyai.

Dos 88 informantes, 1 é padre de nacionalidade Italiana residente em Govuro desde 1956.

(ii) Distrito de Inhassoro - Província de Inhambane:

- Homens---- 23
- Mulhers-----18
- Total-----41 falantes de Xitshwa (Ximhandla).

(iii) Distrito de Machanga - Província de Sofala:

- Homens----4
- Mulheres---1
- Total-----5 falantes nativos de Ximashanga.

Para o caso específico de Govuro, tivemos o cuidado de abranger informantes das localidades de Machacame e Mambone numa percentagem de 65,6% do total de 134 indivíduos contactados, por serem aquelas zonas em que os seus residentes são predominantemente falantes de Xinyai, nosso objecto de trabalho.

O teste de inteligibilidade entre o Xinyai e o Xitshwa foi submetido a jovens com frequência da sétima classe do Sistema Nacional de Educação (SNE), falantes nativos de Xinyai que não tenham tido contacto durante muito tempo com falantes de Xitshwa. Estes jovens são residentes de Doane, zona que se situa a uma distância de 7 quilómetros a sul de Mambone, sede do Distrito de Govuro.

Ainda, na tentativa de formular o nosso ponto de vista sobre a problemática de Xitshwa e Xinyai recorreremos a outros mecanismos tendentes a validar, com objectividade necessária, uma das nossas hipóteses.

Com efeito, fazemos uma abordagem histórica e etnolinguística de Xinyai, Cindau e de algumas variantes de Xitshwa, nomeadamente Xidzivi, Xihlengwe, Xirhonga e Ximhandla, por serem um suporte valioso do nosso trabalho.

Tendo em conta as conclusões obtidas, apresentamos as nossas recomendações para trabalhos de género posteriores.

Finalmente, incorporamos anexos constituídos por fichas, instrumentos-base do trabalho de recolha de dados no terreno.

## CAPÍTULO II

### 1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Com o presente capítulo pretendemos fazer a demonstração de certos aspectos relativos aos conceitos de língua, dialecto, comunidade linguística, línguas em contacto e variações de língua, conceitos operatórios a serem usados na exploração do tema do nosso trabalho.

#### 1.1. O conceito em torno da língua

Hudson (1980: 30-32) define a língua e dialecto em termos de espaço e prestígio. Segundo ele a língua ocupa maior espaço territorial, congregando a totalidade dos dialectos e gozando de determinado prestígio, enquanto o dialecto é regional e não goza de prestígio. Isto leva-nos a concluir que Hudson(1980) define a língua como variante padrão e o dialecto como variante não padrão. Porém, este autor não deixa de reconhecer o carácter problemático da distinção entre a língua e o dialecto. Julgamos que este problema se relaciona com o facto de a definição da variante de referência estar associada com aspectos extralinguísticos. De facto, todos os mecanismos usados na definição desta ou daquela variante de uma língua como padrão, não passam de processos artificial e administrativamente criados pelas sociedades utentes dessas línguas.



Carvalho (1967:328) define a língua como "conjunto de idiomas que são sentidos pelos membros de uma comunidade como formas várias de uma entidade única, fundada numa tradição comum".

Faria et al. (1996) define a língua como uma noção político - institucional, que por razões políticas, económicas e sociais, adquiriu uma independência funcional e psicológica para os seus falantes.

Pode verificar-se que tanto Carvalho (1967), quanto Faria et al. (1996), encontram um ponto comum no facto de conceberem a língua como algo cuja consubstanciação tem a ver com a maneira como é assumida pelos seus falantes, indo para além de aspectos meramente estruturais.

Porém, sobre o mesmo elemento língua, podemos encontrar outro tipo de conceito, que a relaciona com um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos, (Cunha, 1988:1). Esta definição encara a língua na perspectiva de ser um sistema gramatical de que dispõem todos os membros de uma comunidade, o qual lhes permite o exercício da faculdade de linguagem, (Pinto e Lopes, 1994:pp.23-30).

A análise feita em torno das definições apresentadas leva-nos a concluir que Cunha (1988) e Pinto e Lopes (1994) orientam o seu conceito sobre a língua na perspectiva linguística, ao considerá-la como um sistema gramatical propriedade de um grupo de indivíduos. Contrariamente a estes autores, Carvalho (1967) e Faria et al. (1996) encaram a língua na óptica sociolinguística

ao considerarem relevante o comportamento das comunidades perante a língua que falam. A língua entendida desta forma, conduz-nos ao conceito da comunidade linguística.

### 1.2. Comunidade linguística

Segundo Carvalho (1967) a comunidade linguística "é a sociedade dos homens em geral ou em particular contemplada através da linguagem (sociedade dos homens que falam a mesma língua)".

Mas esta perspectiva da definição da comunidade linguística não nos pode induzir, de forma nenhuma, ao erro de considerar que essa comunidade realiza a sua língua da mesma maneira, pois ela está sujeita a variações. Dentro de qualquer comunidade linguística com maior ou menor extensão, verifica-se sempre, forçosamente, a coincidência em maior ou em menor grau das técnicas linguísticas dos sujeitos que as integram, (Carvalho, 1967, pp.291-296).

Essas variações da língua podem ocorrer em todos os níveis: fonético, morfológico, lexical, sintáctico, (Pinto e Lopes, 1994, pp.22-30).

Para essa diversidade concorrem inúmeros factores, nomeadamente históricos ou diacrónicos, geográficos ou diatópicos, socioculturais ou diastráticos e diafásicos ou registos de língua.

### 1.3. Línguas em contacto

Outro conceito que pela sua relevância no nosso trabalho merece uma referência particular é o de "Línguas em Contacto". Como condição para que haja línguas em contacto, são necessárias, pelo menos, duas línguas, uma língua e um dialecto ou dois dialectos em presença (Faria et al.1996). Estes autores afirmam ainda que o percurso e o resultado do contacto entre as línguas em contacto depende, fundamentalmente, do tipo de relações que as respectivas comunidades estabelecem e do tempo durante o qual essas relações são mantidas. Naturalmente que desse contacto podem ocorrer consequências que se relacionam com o surgimento de uma situação de bilinguismo, com o desenvolvimento de variedades independentes de uma língua ou com a criação de novas línguas como pidgins ou Crioulos.

A natureza do nosso tema não abre a possibilidade de ser assumida uma única posição tendo em conta o estudo feito em torno do conceito da língua porque não se pode pôr de lado, nem a ideia de que a língua é um sistema gramatical pertença de membros de uma comunidade, nem a perspectiva de encará-la como algo que tem a ver com a maneira como é assumida pelos seus falantes congregados numa tradição comum.

Deste modo, a nossa posição é conciliatória na medida em que consideramos que as duas situações são relevantes para o estudo que realizamos.

## CAPÍTULO III

### 1. DADOS ETNOHISTÓRICOS: POR UMA DEFINIÇÃO DOS VANYAI

Nesta parte apresentamos alguns dados etnolinguísticos mais ligados com o nosso trabalho. Ao fazê-lo queremos, por via genética ver até que ponto o Xinyai pode ser um dialecto integrante de Xitshwa ou de Cindau.

#### 1.1. Dados históricos mais relevantes sobre Inhambane.

No ano de 1889 foi criado o distrito de Inhambane (actual provincia de Inhambane) com um total de 4 circunscricões<sup>1</sup>

Mais tarde, em 1942, este distrito integrou também Govuro no conjunto das suas circunscricões.

#### 1.2. A história de Govuro

##### 1.2.1. Localização

Segundo Dias (1981), em 1919, Govuro com a sede em Bartolomeu Dias<sup>2</sup>, era conselho do Governo da Companhia de Moçambique<sup>3</sup> que estendia a sua área de jurisdição até ao paralelo 22 a sul<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Portaria numero 269, B.O nº 19/1889

<sup>2</sup> Bartolomeu Dias, na toponímia local é Nghovane e está integrada na localidade de Chichangue, da qual faz parte também a actual sede do distrito de Inhassoro. Nghovane não possui actualmente nenhuma infraestrutura pois foram detruídas pela acção erosiva das águas do mar.

<sup>3</sup> Portaria nº1162, B.O. nº 18/5/1919

<sup>4</sup> História de Moçambique, 2º vol., p.174

Ascendeu à categoria de circunscrição com a sede em Nova Mambone (actual sede do distrito de Govuro), no ano de 1940 e com um posto administrativo em Bartolomeu Dias<sup>2</sup>. Dois anos depois, com a extinção da administração da Companhia de Moçambique, como já dissemos, passou a fazer parte do distrito de Inhambane e contando com mais um posto administrativo, o de Mabote. Entretanto, em 1951, a sede do posto administrativo de Bartolomeu Dias<sup>2</sup> foi transferida para a povoação de Inhassoro<sup>5</sup>. Assim, Govuro, no período de 1942 a 1986, compreendia os seguintes limites :

- A Norte, o Rio Save que estabelece a sua separação dos distritos de Mossurize (Manica) e Chibavava (Sofala);
- A Sul, o Rio Changane e parte setentrional de Massinga;
- A Oeste, Chicualacuala (província de Gaza);
- A Este, Vilankulo e Oceano Índico.

A partir de 1986, os limites deste distrito sofreram uma alteração determinada pela nova divisão administrativa que culminou com a elevação das localidades administrativas de Inhassoro, Mabote e Funhalouro à categoria de distritos (Pillão, 1989:13-102). Deste modo, Govuro passou a ter como actuais limites:

- A Norte, o Rio Save a estabelecer a separação dos distritos de Machaze ( Manica) e Machanga (Sofala);
- A Sul, o distrito de Inhassoro;

---

<sup>5</sup> Portaria nº 8980, B.O. nº35/1951

- A Oeste, o distrito de Mabote;
- A Este, o Oceano Índico.

Situa-se aproximadamente nas seguintes coordenadas geográficas:

- 33° latitude Norte / Sul;
- 36° latitude Sul /Sul;
- 22° 30' longitude Oeste /Este;
- 23° longitude Este /Este.

### 1.2.2. Etnohistória

O relatório do NELIMO (1989) indica como fazendo parte da Língua Xitshwa 7 variantes.

No presente trabalho dispensaremos uma atenção particular aos Hlengwe (Vahlengwe), Dzivi (Vadzivi), Urrongas (Varhonga), Vanyai e Vandau, por nos parecerem pistas importantes no fornecimento de elementos sobre a possível origem dos Vanyai.

#### 1.2.2.1. Os Vahlengwe e Vamhandla

Citando Alf Helgesson, Ferreira (1962) afirma que os Vahlengwe vindos do Zimbabwe, sob comando de Chigomba por volta dos finais do século XV, fixaram-se no território que viria a ser distrito de Inhambane. Mais tarde, Chigomba ao dividir o seu reino, entregou a chefia do ramo Mhandla ao seu genro Xivilele que passou a ocupar a região de Homoine.

#### 1.2.2.2. Os Vadzivi

Ferreira(1962), refere que os Vadzivi, provenientes do Transvaal Oriental Swazilândia, no século XVII, sob liderança de Inguane, fixaram-se entre os Mhandla prestando-lhes toda a vassalagem. Porém, mais tarde, os Vadzivi revoltaram-se contra os Vamhandla, obrigando-os a refugiarem-se na zona de Vilankulo. Neste período do seu movimento migratório, é bem possível que os Vanhandla tenham também ocupado o actual distrito de Inhassoro.

#### 1. 2.2.3. Os Varhonga

Estes habitam as regiões Norte de Mucodoene e Oeste de Massinga (Ferreira : 1962). Este autor, citando Caldas Xavier e Alf Helgesson, afirma que os Varhonga foram os habitantes mais antigos das áreas actualmente ocupadas pelos Vadzivi e Vamhandla, distribuindo-se pela costa Norte da Baía de

Inhambane, pelas encostas do Rio Save e pelas Ilhas do arquipélago do Bazaruto.

Ainda Ferreira (1962), citando Alf Helgesson, afirma que os Varhonga são descendentes dos **Vanyai de extracto Karanga**, grupo bantu que falava Shona.

Ainda Ferreira(1962) cita Alf helgesson, como tendo afirmado que os Varhonga são descendentes dos Vanyai de extracto Karanga grupo bantu que falava o Shona. A partir daqui podemos afirmar que existem laços genéticos entre os Vanyai e os Shonas, hipótese que se pode estender até aos laços com os Vandau uma vez que o Cindau faz parte do grupo linguístico Shona.

Entretanto esta afirmação não nos pode levar, logo à partida, a afirmar que o Xinyai é variante de Cindau, que faz parte do grupo Shona, porque temos os Varhonga, seus descendentes, que são parte integrante de Xitshwa.

Perante esta situação, continua válida a necessidade de se fazer um estudo para se avaliar até que ponto se pode considerar o Xinyai como variante do Xitshwa ou Cindau.

#### **1.2.2.4 Os Vanyai**

O vocábulo " Manyai", em Ndau significa mulher do régulo . Segundo a tradição, este nome que é fortemente rejeitado pelos Vanyai, subgrupo étnico que povoa a bacia hidrográfica da margem direita do Rio Save, desde a localidade de Machacame (posto administrativo de Save) até à localidade de Mambone (que

inclui também a zona costeira), foi usado por elementos estranhos a este subgrupo, que ouvindo dele constantemente o termo "manyai", passaram a designá-lo igualmente por Vanyai. Aliás, como veremos quando formos apresentar outros substractos do grupo Shona, muitos nomes usados actualmente para a sua designação são alcunhas pejorativas.

Apesar das conotações pejorativas aliadas ao uso do nome Vanyai apresentadas, há que reconhecer que não se trata de um termo recente, uma vez que Ferreira (1962) cita Cardoso (1958) como tendo constatado em 1882, que os "Munhais" se situavam na zona norte do rio Save e os "Vachengues" a sul do mesmo rio.

Se tomarmos em consideração esta afirmação, a localização actual dos Vanyai e também o facto de Ferreira (1962) citar Alf Helgesson como tendo afirmado que os Vanyai são de extracto Karanga do Império Rózwi, pode-se admitir que a ocupação da margem direita do rio Save por Vanyai seja resultado do seu movimento migratório já que se sabe que eles são originários do Zimbabwe.

#### **1.2.2.5. Os Vandau**

Um outro grupo associado aos Shona, segundo dados históricos e linguísticos, é o dos Ndau, Ndzau ou Njao (Junod (sd):17-21). De acordo com este autor, os Ndau ou Vandau, ocupam a área que se situa entre o rio Púnguè e linha férrea Beira-Umtali. O nome "Ndau" é da origem Zulo-Nguni (atribuído por estes ao grupo étnico falante de Cindau).

Nem sempre os Vandau assim se chamaram, pois já foram designados por "Vatsangas", falantes de "Chitsanga" (Amorim 1957). Estes ocupavam a área da circunscrição de Mossurize, Concelho de Manica, circunscrição do Búzi e área do posto administrativo de Chibabava e, no território do Zimbabwe, as áreas de Chipinga, Malseter e Urozi. Gungunhana passou a chamá-los por "Vandaue" e depois por "Mundue", pelo facto de estes ao responderem ao cumprimento que os outros lhes dirigiam empregarem invariavelmente o termo "N'daue" que quer dizer "estou bem" ou "e tu como tens passado?" (Amorim, 1957: 7-16).

As afirmações produzidas em torno da designação "Ndau" pelos dois autores levam-nos a concluir que este nome era um termo pejorativo.

Junod (sd: 17-21) apresenta cinco subdivisões dos Vandau:

- a) Os Vagova, que se localizam ao longo do rio Búzi, ocupando também a zona baixa do rio Save. Daí a designação "Vagova", pois gova significa, em Ndau, zona baixa, vale ou canal.
- b) Os Vadanda, que habitam as zonas florestais, daí a designação de "danda", vocábulo que significa tronco de uma árvore, na língua Cindau. Localizam-se nas proximidades das terras montanhosas da zona ocidental da província de Sofala.
- c) Os Vatomboji ou Matomboji, que vivem nas montanhas mais para o interior, encontrando-se nas duas partes da fronteira entre Zimbabwe

e Moçambique, desde o Save aos montes Chimanimani no território de Manica. O nome Matomboji ou Vatomboji, é uma atribuição pejorativa que se relaciona com um gafanhoto chamado "chitomboji", existente na zona habitada por este subgrupo étnico, que afectando seriamente as culturas de tabaco origina, em consequência disso, a sua carência. Assim, os residentes das zonas de boa produção de tabaco ironicamente passaram a tratá-los por "Vatomboji" que semanticamente significa residentes da zona sem tabaco.

- d) Os Vateve, que ocupam toda a zona do norte do rio Púnguè, parte sul do Búzi e, a extensão montanhosa, a Oeste. Junod (sd: 17-21), cita C. Doke como tendo afirmado que este subgrupo era constituído por Vandau verdadeiros. Porém, o memo autor não concorda com esta afirmação ao dizer que os Vateve na região de Manica estão misturados com os Manyika.
- e) Os Mashanga, que se localizam na parte Este de Moçambique, entre os rios Save e Búzi. Ocupam também a parte da costa, um pouco ao norte da cidade da Beira e, ao Sul, vivem em redor de Bartolomeu Dias<sup>2</sup>.

O nome Mashanga foi atribuído a este subgrupo pelos Vandau uma vez que habitam uma zona cheia de caniço, colmo que em Cindau se chama "njhanga" no singular e "Manjhanga" no plural. Mashanga, portanto, passou a significar habitantes da zona de caniço.

Contrariamente a Junod(sd:17-21) que faz referência a cinco subgrupos, Amorim (1957:7-16), faz somente alusão aos Vadanda e Vatomboji. Nota-se aqui que nem o primeiro, nem o último se refere aos Vanyai. Também Ferreira (1962), limitou-se somente a fazer referência aos "Munhais" (Vanyai), sem integrá-los em nenhum grupo ou subgrupo.

Se tivermos em atenção os vários autores aqui apresentados, podemos concluir o seguinte:

- Os Vanyai foram objecto de uma atenção periférica, já que nenhum autor os refere de uma forma pormenorizada. Os poucos que a eles se referiam, cingiram-se a simples menção do nome e origem.
- Os Vanyai e os Vandau são geneticamente da origem Shona, um ponto de partida para o estudo da hipótese da existência ou não de afinidade linguística entre o Xinyai e o Cindau e também entre o Xinyai e o Xitshwa (por via de Xirhonga ou de Ximhandla), em virtude de os respectivos ascendentes serem Zimbabweanos).
- estudo comparativo que envolva as unidades linguísticas, Xinyai, Xitshwa e Cindau é pertinente, uma vez que os Vanyai situam-se numa zona de intersecção entre os Vatshwa e os Vandau.

## CAPÍTULO IV

### 1. Apresentação e sistematização de dados

Neste capítulo procedemos à apresentação e sistematização de dados, em que o estudo se baseará. Os dados relacionam-se com:

- a) Xitshwa (Ximhandla, por ser a variante mais próxima da região onde se fala o Xinyai);
- b) Xinyai (por ser objecto de estudo do nosso trabalho);
- c) Ximashanga, em virtude de além de ser variante de referência, ser dialecto de cindau da zona mais próxima donde se fala o Xinyai.

O tratamento de dados compreenderá uma discussão que se vai basear em elementos estruturais das três unidades linguísticas envolvidas para analisar o comportamento de cada uma face às estratégias adoptadas. Na discussão sociolinguística pretendemos avaliar o posicionamento dos falantes do Xinyai relativamente ao seu dialecto em termos do grupo linguístico a que pertencem.

Para facilitar a apresentação dos dados, usaremos as seguintes abreviaturas :

- . UL<sub>1</sub> (Unidade Linguística Xitshwa)
- . UL<sub>2</sub> (Unidade Linguística Xinyai)
- . UL<sub>3</sub> (Unidade Linguística Ximashanga)

## 1.1. Aspectos estruturais

### 1.1.1. A estratégia da construção dos principais tempos verbais.

No estudo das estratégias de construção dos principais tempos verbais, pretende-se comparar os morfemas usados no Xitshwa, Xinyai e Ximashanga para a indicação do presente, futuro e passado. A partir destes dados, poder-se-ão tirar algumas elações sobre a forma como o Xinyai se aproxima ou de Xitshwa ou de Ndau.

Para o efeito, usaremos nos três dialectos uma frase com o mesmo conteúdo semântico como forma de permitir uma melhor identificação das possíveis especificidades de cada variante.



Ainda para melhor organização de dados em cada um dos principais tempos verbais apresentaremos todos os exemplos com ele relacionados. Neste caso, os exemplos vão ser constituídos por apenas duas formas verbais por entendermos que essas amostras são suficientes para a recolha do material que servirá de nossa base de estudo comparativo.

#### 1.1.1.1. Presente

(i) DANÇAR: UL<sub>1</sub> (Unidade Linguística Xitshwa) 'Ku-kina'.

UL<sub>2</sub> (Unidade Linguística Xinyai) 'Ku-tamba'.

UL<sub>3</sub> (Unidade Linguística Ximashanga) 'Ku-tamba'.

UL<sub>1</sub>- a. Mina **ndza** – kina xigubo ' Eu danço xigubo'.

MP RV

b. Wena **wakina** xigubo ' Tu danças xigubo'.

UL<sub>2</sub>. a. **Ndi-no-** tamba xigubo ' Tu danças xigubo'

MP MOD RV

a. Unotamba xigubo 'Tu danças xigubo'.

UL<sub>3</sub>. a. Inini **ndi- no -** tamba xigubo 'Eu danço xigubo'.

MP MOD RV

b. Iwewe unotamba xigubo 'Tu danças xigubo'.

(ii) VESTIR: UL<sub>1</sub> (Unidade linguística Xitshwa ) 'Ku-boha/ku - ambala':

UL<sub>2</sub> (Unidade Linguística Xinyai) 'ku - simira'.

UL<sub>3</sub> (Unidade Linguística Ximashanga) 'ku - simira'.

UL<sub>1</sub>-a. Hina **hi-** boha tikamiza 'Nós vestimos as camisas'.

MP RV

b. Wena waboha kamiza 'Tu vestes a camisa'.

UL<sub>2</sub> - a. **Ti - no-**simira khanjo 'Nós vestimos as camisas'.

MP MOD RV

b. **Unosimira** khanjo 'Tu vestes a camisa'.

UL<sub>3</sub>.a. **Ti - no -** simira khanju 'Nós vestimos as camisas'

MP MOD RV

b. **Unosimira** khanju 'Tu vestes a camisa'.

## Quadro I:

## Presente: Resumo dos morfemas dos exemplos apresentados

UL	Marca de pessoa		Modo	Marca de tempo	Radical	Marca de tempo
	Singular	Plural				
UL <sub>1</sub>	ndza wa	hi			-kina -boha	
UL <sub>2</sub>	u ndi	ti	no		-tamba -simira	
UL <sub>3</sub>	u ndi	ti	no		-tamba -simira	

As três unidades linguísticas apresentam como característica comum o facto de não lexicalizarem o morfema que marca o tempo presente.

Outra característica comum, é a situação dos afixos em relação ao radical do verbo uma vez que, todos eles, se apresentam na posição pré-verbal.

Além das características comuns apresentadas, existem aspectos específicos de um determinado dialecto ou comuns a dois deles.

É o caso das pessoas gramaticais em que o Xitshwa usa na 1ª pessoa do singular o morfema **ndza**, na 2ª do singular o **wa**, na 1ª do plural **hi**, enquanto o Xinyai e o Ximashanga representam, respectivamente os mesmos elementos com o **ndi**, **u** e **ti**.

O Xinyai e o Ximashanga usam o morfema **no** para indicar a possibilidade que existe da realização dessa acção.

Apesar de se ter verificado que existem casos em que o Xithswa e o Xinyai apresentam características comuns, a tendência da predominância da partilha de elementos aponta para o Xinyai e o Ximashanga, facto que reforça a possibilidade de o Xinyai ser variante de Cindau.

#### 1.1.1.2. Futuro:

(i) Dançar: UL<sub>1</sub> 'ku-kina'. UL<sub>2</sub> 'ku-tamba'. UL<sub>3</sub> 'ku-tamba'

UL<sub>1</sub>-a. Yena **wu-ta** - kina xigubo 'Ele dançará xigubo'.

MP MT RV

b. Vona **vata** kina xigubo 'Eles dançarão xigubo'.

UL<sub>2</sub>-a. **A-no- zo-** kina xigubo 'Ele dançará xigubo'.

MP MOD MT RV

b. **Vazono** kina xigubo 'Eles dançarão xigubo'.

UL<sub>3</sub>-a. **A - no - zo -** kina xigubo

MP MOD MT RV

(ii) Vestir: UL<sub>1</sub> 'ku-boha', UL<sub>2</sub> 'ku-simira', UL<sub>3</sub> 'ku-simira'.

UL<sub>1</sub>-a. Mufana wu -ta- boha kamiza 'O rapaz vestirá a camisa'.

MP MT RV

b. Vafana **vataboha** tikamiza 'Os rapazes vestirão as camisas'.

UL<sub>2</sub>-a. Mufana a - no - zo-simira khanjo 'O rapaz vestirá a camisa'.

MP MOD MT RV

b. Vafana **vanozosimira** khanjo 'Os rapazes vestirão as camisas'.

UL<sub>3</sub>-a. Madjaha a- no- zo- simira nghanju 'O rapaz vestirá a camisa'.

MP MOD MT RV

b. Madjaha **vanozosimira** nghanju 'Os rapazes vestirão as camisas'.

## Quadro II

Futuro: Síntese dos morfemas dos exemplos apresentados.

FUTURO						
UL	Marca de pessoa		Modo	Marca de tempo	Radical	Marca de tempo
	Singular	Plural				
UL <sub>1</sub>	wu	va		ta	-kina -boha	
UL <sub>2</sub>	a	va	No	zo	-tamba -simira	
UL <sub>3</sub>	a	va	No	zo	-tamba -simira	

O morfema *va* é partilhado pelas três unidades linguísticas, a desempenhar o papel de marca da 3ª pessoa de plural. Esta partilha de elementos comuns existe na forma como os afixos se colocam em relação ao radical do verbo. Todos eles ocupam uma posição pré-verbal.

O morfema *wu* que marca a 3ª pessoa do singular, é típico de *xitshwa*. O mesmo elemento no *Xinyai* e *Ximashanga* identifica-se pelo morfema *a*.

O Xinyai e o Ximashanga têm ainda como elementos comuns o **no** que indica a certeza de que a acção será realizada e o **zo** que marca o futuro.

Contrariamente ao Xinyai e Ximashanga o Xitshwa indica a certeza da acção pelo tom e o tempo com o afixo **ta**.

Embora o Xitshwa tenha como elementos comuns com o Xinyai o **va** e a posição dos morfemas relativamente ao radical do verbo, o quadro mostra que a maior regularidade na intersecção de características existe entre o Xinyai e o Ximashanga, e isso vem reforçar a posição de que o Xinyai pode ser dialecto de Cindau e não de Xitshwa.

#### 1.1.1.3. Passado

- (i) Dançar: UL<sub>1</sub> 'Ku-kina'; UL<sub>2</sub> 'Ku-tamba'; UL<sub>3</sub> 'ku-tamba'.

UL<sub>1</sub>.a. Mufana **wu- kin- ile** xigubo 'O rapaz dançou xigubo'.

MP RV MT

b. Vafana **vakinile** xigubo 'Os rapazes dançaram xigubo'.

UL<sub>2</sub>.a. Mufana **wa- ka- tamba/watamba** xigubo 'Ó rapaz dançou xigubo'.

MP MT

b. Vafana **vakatamba/vatamba** xigubo 'Os rapazes dançaram xigubo'.

UL<sub>3</sub>.a. Djaha la -ka- tamba/ latamba xigubo 'Ós rapazes dançaram xigubo'.  
MP MT RV

b. Djaha lakatamba/vatamba xigubo 'Os rapazes dançaram xigubo'.

(ii) Vestir: UL<sub>1</sub> 'ku-boha'; UL<sub>2</sub> 'ku-simira'; UL<sub>3</sub> 'ku-simira'.

UL<sub>1</sub>.a. Mugonzisi wu- boh - ile kamiza 'O professor vestiu a camisa'.  
MP RV MT

b. Vagonzisi vabohile tikamiza 'Os professores vestiram as camisas'

UL<sub>2</sub>.a. Mudjidjisi wa-ka-simira/wasimira Khanjo 'O professor vestiu a camisa'.  
MP MT RV

b. Vadjidjisi vakasima khanjo ' Os professores vestiram as camisas'.

UL<sub>3</sub>.a. Mudjidji wa-ka-simira/wasimira nghanju 'O professor vestiu a camisa'.  
MP MT RV

b. Vadjidjisi vakasimira/vasimira nghanju 'Os professores vestiram as camisas'

## Quadro III

Passado: Síntese dos morfemas dos exemplos apresentados

PASSADO					
UL	Marca de pessoa		Marca de tempo	Radical	Marca de tempo
	Singular	Plural			
UL <sub>1</sub>	Wu			-kina	ile
	U	va		-boha	
UL <sub>2</sub>	Wa		Ka/Ø	-tamba	
		va		-simira	
UL <sub>3</sub>	Wa		Ka/Ø	-tamba	
		va		-simira	

No presente quadro a nossa análise centra-se nos morfemas que marcam o tempo já que o estudo comparativo dos restantes afixos foi realizado em 1.1.1.1. e 1.1.1.2, o que significa que a sua menção seria uma repetição que nada de novo traria ao nosso trabalho.

Assim, com base nos morfemas temporais verificamos que o Xitshwa marca o passado com o afixo *ile* que se localiza na posição pós - verbal, enquanto o Xinyai e o Ximaghanga para o mesmo tempo registam-se dois tipos de situações: uma

em que ocorre morfema **Ka** a ocupar a posição pré-verbal e outra cuja realização do afixo é nula. Quer dizer que o Xinyai e o Ximashanga consideram dois tipos de passado: um remoto que é marcado pelo morfema **Ka** e outro próximo que se caracteriza pela não ocorrência de qualquer afixo.

No Xitshwa estas situações não se verificam, pois o reconhecimento dos tipos de passado é feito pela indicação do tempo da ocorrência da acção.

As diferenças que existem entre o Xitshwa e o Xinyai na forma como cada uma das unidades linguísticas marcam o passado e a coincidência que se nota entre o Xinyai e o Ximashanga quanto ao seu comportamento na representação das marcas que identificam o passado, reforçam a posição de que o Xinyai é variante de Cindau.

Quadro I:

Presente: Resumo dos morfemas dos exemplos apresentados

Morfemas						
UL	Marca de pessoa		Modo	Marca de tempo	Radical	Marca de tempo
	Singular	Plural				
UL <sub>1</sub>	ndza wa	Hi			-kina -boha	
UL <sub>2</sub>	u ndi	Ti	no		-tamba -simira	
UL <sub>3</sub>	u ndi	Ti	no		-tamba -simira	

Quadro II

Futuro: Síntese dos morfemas dos exemplos apresentados.

FUTURO						
UL	Marca de pessoa		Modo	Marca de tempo	Radical	Marca de tempo
	Singular	Plural				
UL <sub>1</sub>	Wu	Va		ta	-kina -boha	
UL <sub>2</sub>	a	va	No	zo	-tamba -simira	
UL <sub>3</sub>	a	va	No	zo	-tamba -simira	

Quadro III

Passado: Síntese dos morfemas dos exemplos apresentados

PASSADO					
UL	Marca de pessoa		Marca de Tempo	Radical	Marca de tempo
	Singular	Plural			
UL <sub>1</sub>	Wu U	va		-kina -boha	ile
UL <sub>2</sub>	Wa	va	Ka/Ø	-tamba -simira	
UL <sub>3</sub>	Wa	va	Ka/Ø	-tamba -simira	

Uma análise feita em torno dos três quadros apresentados, nomeadamente I, II e III, indica que o Xitshwa e o Xinyai exibem poucos elementos comuns entre si. No nosso entender, essa semelhança é motivada pelo facto de não existir grandes

variações entre as línguas bantu. As diferenças acentuadas entre estas duas unidades linguísticas mostram a possibilidade de não existência da relação língua dialecto no seio delas.

Porém, contrariamente ao que se passa entre o Xitshwa e o Xinyai, este e o Ximashanga demonstram a existência de grande índice de regularidade na partilha de características, tanto de marcas temporais, como das de classes nominais concorrendo, tudo isso, para o reforço da ideia de que o Xinyai é dialecto de Cindau.

### 1.1.2. A estratégia das construções passivas

O nosso interesse em realizar um estudo que envolve construções passivas é procurar ver o tipo de extensões verbais que ocorrem em cada variante para daí se estabelecer uma análise comparativa que possa conduzir a uma conclusão relativa à posição do Xinyai no contexto de Xitshwa ou de Cindau.

Para o efeito, tomaremos como base de trabalho um único verbo que, no nosso entender, bastará para fornecer elementos para o estudo que realizamos.

Nas três unidades linguísticas usaremos a mesma frase para uma melhor visualização dos fenómenos decorrentes das construções passivas.

#### 1.1.2.1. Comprar: UL<sub>1</sub> – (Unidade linguística Xitshwa)

'Ku-Xava'

UL<sub>2</sub> - (Unidade linguística Xinyai )

'Ku-tenga'.

UL<sub>3</sub> –((Unidade linguística Ximashanga )

'Ku-tenga'

UL<sub>1</sub>.a. Paulo U-xav-ile nghanju.

MP RV MT

Paulo comprou uma camisa

a'.Nghanju Yi-Xav-il-We ndzi. Paulo.

Uma camisa foi comprada por Paulo.

UL<sub>2</sub>.a. Paulo Wa-Ka-tenga Khanju.

MP MT RV

O Paulo comprou uma camisa

a'. Khanju ya-Ka-tenga-Wa ndi Paulo

MO MT RV Ext.V.

Uma camisa foi comprada por Paulo

UL<sub>3</sub>.a.Paulo Wa-Ka-tenga nghanju.

MP MT RV

O Paulo comprou uma camisa

a'.Nghanju Ya-Ka-teng-Wa ndi Paulo

MO MT RV Ext.V

Verifica-se que tanto no Xitshwa, como no Xinyai e no Ximashanga, se realizou um fenómeno de harmonização vocálica que resultou na eliminação da vogal i.

Por isso, no Xitshwa em vez de "Yixaviliwe", passou-se para Yixavilwe.

No Xinyai e Ximashanga no lugar de "Yakatengiwa", passou a pronunciar-se "Yakatengwa".

Nos três exemplos constata-se que, o Xitshwa, o Xinyai e o Ximashanga usam o mesmo tipo de extensão -iw, não sendo possível por isso definir se o Xinyai pode ser considerado variante de Xitshwa ou Cindau.

No nosso entender, essa semelhança é motivada pelo facto de não existirem grandes variações entre as línguas bantu, como atrás nos referimos.

O facto de não nos ser possível definir aqui a situação dialectal do Xinyai, motivamos a recorrer a mais exemplos diferenciados.

### 1.1.3. ESTRATÉGIA DAS CONSTRUÇÕES LOCATIVAS.

Vamos, em cada dialecto, identificar os tipos de morfemas que ocorrem, nas construções locativas para um estudo comparativo que permita ver se o Xinyai é dialecto de Xitshwa ou de Cindau. Para o efeito, utilizamos dois elementos, nomeadamente a direccionalidade e a interioridade.

#### 1.1.3.1. Direccionalidade:UL<sub>1</sub> (Unidade Linguística Xitshwa)

UL<sub>2</sub> (Unidade Linguística Xinyai)

UL<sub>3</sub> (Unidade Linguística Ximashanga)

1.UL<sub>1</sub>-a.Mina ndziya Ka Maputo/ndziya Maputo 'Eu vou ao/para Maputo'.

UL<sub>2</sub>-a.Inini ndinoenda Ku Maputo/ndinoenda Maputo 'Eu vou ao/para Maputo'.

UL<sub>3</sub>-a. Inini ndinoenda **Ku** Maputo/ndinoenda Maputo

'Eu vou ao/para Maputo'

Quadro IV: Resumo dos morfemas

UL	Morfemas
UL <sub>1</sub>	Ka
UL <sub>2</sub>	Ku
UL <sub>3</sub>	Ku

Nos exemplos apresentados ocorrem dois tipos de morfemas, sendo o **Ka** no Xitshwa e o **Ku** no Xinyai e Ximashanga.

Outro aspecto constatado, mas já comum às três unidades linguísticas, é o caso da possibilidade de não lexicalização do morfema sem provocar perturbações relativas à correcção da frase.

Duma ou doutra forma, o Xinyai e Ximashanga demonstram a tendência da partilha de elementos contrariamente ao que acontece entre o Xitshwa e o Xinyai, comportamento que reforça a ideia de que o Xinyai pode ser considerado dialecto de Cindau.

II. UL<sub>1</sub>.b. Juwawa wuya Beira 'O João vai a/para Beira'.

UL<sub>2</sub>.b. João anoenda Ku Beira 'O João vai a/para Beira'.

UL<sub>3</sub>.b. João anoenda Ku Beira 'O João vai a/para Beira'.

Quadro V: Resumo dos morfemas

UL	Morfemas
UL <sub>1</sub>	∅
UL <sub>2</sub>	Ku
UL <sub>3</sub>	Ku

No Xitswa, a ocorrência do morfema locativo na frase UL<sub>1</sub>.b., criaria uma agramaticalidade. Quer isso parecer-nos que não existe uma regra específica para justificar o tal comportamento, cabendo aos falantes intuitivamente agir em termos de aceitabilidade ou não da frase.

Esta situação já não acontece em relação ao Xinyai e Ximashanga, pois fazem o uso do morfema locativo **Ku**, tal como acontece em 1.3.1.1. Este comportamento de Xinyai e Ximashanga que se manifesta na partilha de elementos, reforça a afirmação de que o Xinyai é dialecto de Cindau.

III. UL<sub>1</sub>.c. Carlos na Juwana vaya nasinwaini 'O Carlos e o João vão à machamba'.

UL<sub>2</sub>.c.Carlos na João vanoenda Kumunda 'O Carlos e o João vão à machamba'.

UL<sub>3</sub>.c.Carlos na João vanoenda Kumunda 'O Carlos e o vão à machamba'.

Nos três exemplos aparecem dois morfemas, sendo o *ini* no Xitshwa o *Ku* no Xinyai e Ximashanga.

Contrariamente ao Xitshwa, o Xinyai e o Ximashanga usam o morfema *Ku*, elemento cuja ocorrência não é facultativa.

Mais uma vez constatamos que o Xinyai e o Ximashanga usam elementos comuns na marcação da direccionalidade, o que vai reforçar a posição de que Xinyai é dialecto de Cindau.

O *pa*, morfema que pertence à classe nominal 16, não foi referenciado neste nosso estudo apesar de fazer parte dos morfemas direccionais. A sua exclusão deveu-se ao facto de se ter constatado que embora figurasse nos exemplos não traria nada de especial, senão para reforçar a regularidade da partilha de elementos entre o Xinyai e Cindau, uma vez que no Xitshwa nunca ocorre este tipo de morfema locativo.

### 1.1.3.2 Interioridade

1. UL<sub>1</sub>.a. Mamani Wulomu ndlwini 'A mamã está dentro da casa'.

UL<sub>2</sub>.a. Mai vali mumba 'A mamã está dentro da casa'.

UL<sub>3</sub>.a. Mai vali munyumba 'A mamã está dentro da casa'.

A análise permite-nos verificar que ocorrem o sufixo *ini* no Xitshwa, o prefixo *mu* no Xinyai e Ximashanga.

Como se pode notar, existe uma absoluta partilha de características entre o Xinyai e o Ximashanga, constituindo um motivo para reforçar a ideia de que o Xinyai não é dialecto de Xitshwa, mas sim de Cindau

II. UL<sub>1</sub> b. Vapaxajeru valomu moveni 'Os passageiros estão no carro'.

UL<sub>2</sub> b. Vafambi vali mumotokaru 'Os passageiros estão no carro'.

UL<sub>3</sub> b. Madjipasajeru vali mukaru 'Os passageiros estão no carro'.

Quadro VI: Resumo dos morfemas

UL	Morfemas
UL <sub>1</sub>	ini/eni
UL <sub>2</sub>	Mu
UL <sub>3</sub>	Mu

O Xitshwa mantém o morfema **ini** já que o **eni** é seu alofone que resultou de uma harmonização vocálica.

O Xinyai e o Ximashanga também mantêm a sua regularidade na partilha do **mu**, incluindo no que respeita à sua posição prefixal relativamente à raiz do nome. Este comportamento consolida a posição que se tem vindo a constatar de que Xinyai pode ser considerado dialecto de Cindau, contrariamente ao que vem afirmado em NELIMO (1989).

Quadro VII. Construções locativas - Dados comparativos dos morfemas locativos das três unidades linguísticas, extraídos dos exemplos apresentados.

UNIDADES LINGUÍSTICAS	INTERIORIDADE	DIRECCIONALIDADE
UL1	Ini, <sup>6</sup>	Ka <sup>6</sup> Ø
UL2	Mu <sup>7</sup>	Ku <sup>7</sup>
UL3	Mu <sup>7</sup>	Ku <sup>7</sup>

Este quadro mostra-nos que o Xitshwa, usa para indicar interioridade o morfema *ini*, que se posiciona sempre como sufixo, e morfema *Ka* para indicar a direcção, ocupando a posição de prefixo.

Contrariamente ao Xitshwa, o Xinyai usa na posição prefixal o morfema *mu* para indicar a interioridade, e o *ku* para o caso de direcção. Este morfema tal como o primeiro, ocupa a posição de prefixo.

O quadro mostra, igualmente, que o comportamento do Xinyai no uso dos morfemas locativos é idêntico ao de Ximashanga tanto no tipo como na sua colocação em relação à raiz do nome.

---

<sup>6</sup> Sufixos; <sup>7</sup> Prefixos

Existem também casos em que os afixos não devem ser lexicalizados sob o risco da ocorrência da agramaticalidade. Por exemplo a frase "Juwawa wuya Beira" em II.UL<sub>1</sub>.b.

#### 1. 1.4. Partículas associativas

Nas partículas associativas o nosso interesse não é explicar o que motiva as variações dos morfemas em cada contexto. O objectivo é, com base nos elementos que ocorrem, vermos a aproximação ou afastamento entre o Xinyai e o Xitshwa ou entre aquele dialecto e o Cindau.

I.UL<sub>1</sub> a. Nzayenza na mamani 'Viajo com a mamã'.

UL<sub>2</sub> a. Ndinoenda na mai 'Viajo com a mamã'.

UL<sub>3</sub> a. Ndinoenda na mai 'Viajo com a mamã'.

Os exemplos representados mostram que não existe nenhuma diferença entre o Xitshwa, Xinyai e o Ximashanga quanto ao tipo de morfemas que ocorrem. Este comportamento das três unidades linguísticas, torna difícil a determinação da tendência dialectal do Xinyai, daí a razão da necessidade da busca de mais elementos para o estudo comparativo que realizamos.

II. UL<sub>1</sub> a. Hayimbelela ni makwenu wamina 'Cantamos com o meu irmão'.

UL<sub>2</sub> a. Tinomba no hama yangu 'Cantamos com o meu irmão'.

UL<sub>3</sub> a. Tinomba no hama yangu 'Cantamos com o meu irmão'.

Se observarmos os exemplos apresentados, notamos que se regista uma variação nos morfemas, passando de *na* para *ni* no caso de Xitshwa, e de *na* para *no* caso de Xinyai e Ximashanga.

Sobre essas variações realizámos, junto dos informantes, uma análise que envolveu as áreas semântica, e fonética. Todavia, a conclusão que se chegou é a de que não existe senão apenas o critério de aceitabilidade da frase. Entretanto, entendemos que um trabalho mais virado especificamente para a descritiva das línguas bantu, talvez possa encontrar uma resposta mais adequada.

#### Quadro VIII. Partículas associativos.

Língua	Partículas
UL <sub>1</sub>	na, ni
UL <sub>2</sub>	na, no
UL <sub>3</sub>	na, no

O quadro indica-nos que a partícula associativa *na* é comum às três

unidades linguísticas. A partícula *ni* é específica de Xitshwa e **no** aparece no Xinyai e no Ximashanga. Em todo o caso, constata-se que o Xinyai e o Ximashanga exibem elementos comuns, daí a razão de se validar a posição de que o Xinyai é dialecto do Cindau.

#### 1.1.5. Partículas instrumentais.

O nosso interesse é varificar o tipo de morfemas que ocorrem em cada dialecto para depois se realizar um estudo comparativo que permita indicar em qual das línguas o Xinyai poderá ser enquadrado, se no Xinyai ou no Cindau.

I. UL<sub>1</sub> a Utsemile nyama **hi** mukwana 'Cortou a carne com a faca'.

UL<sub>2</sub> a. Wakacheka/wakatema nyama **ngo** xipanga 'Cortou a carne com a faca'.

UL<sub>3</sub> a. 'Wakacheka/wakatema nyama **ngo** xipanga'. 'Cortou a carne com a faca'.

#### Quadro IX. Partículas instrumentais.

Unidade Linguística	Partículas
UL1	Hi
UL2	Ngo
UL3	Ngo

O quadro mostra-nos dois tipos de partículas instrumentais: o **hi** para o caso de Xitshwa e o **ngo** para o caso de Xinyai e Ximashanga. Portanto, mais um elemento para reforçar a hipótese de que o Xinyai é dialecto de Cindau.

#### 1.1.6. O Léxico

Neste subcapítulo vamos proceder ao estudo comparativo do léxico envolvendo o Xitshwa, o Xinyai e o Ximashanga (Cindau). O mesmo estudo será basicamente sincrónico, pois o que nos interessa é o estágio presente das unidades linguísticas envolvidas. Para o efeito, tomamos como ponto de partida um vocabulário básico que compreende um total de 112 lexemas. Destes distinguimos vocábulos comuns entre o Xinyai e Xitshwa e entre o Xinyai e Ximashanga.

Não ignoramos a existência de palavras cognatas que os três dialectos podem exhibir, pois achamos que sendo variantes de línguas bantu a ocorrência desse processo é natural.

Porque isso conduzir-nos-ia ao estudo diacrónico dos vocábulos enquanto a nossa base de trabalho são os aspectos sincrónicos da língua, centramos a análise em lexemas comuns.

Neste caso lexemas comuns serão todos aqueles vocábulos que apresentam o mesmo tipo da raiz do nome.

O quadro a seguir indica os vocábulos comuns ao Xinyai e Xitshwa, extraídos da amostra referida anteriormente.

**Quadro X: Vocábulos comuns ao Xinyai e Xitshwa**

Xinyai	Xitshwa	Português
Canja	Canja	Palma da mão
Baba	Baba	Pai
Mbhade	Mbhadi	Peneira
Munyu	Munyu	Sal
Huku	Huku	Galinha
Ngilozi	Ngilozi	Anjo

Em virtude de os vocábulos comuns ao Xinyai e Ximashanga compreenderem um total de 112 lexemas, não faremos a sua apresentação neste espaço. Entretanto os dados podem ser observados no anexo 2.

**Quadro: XI - Dados comparativos do léxico**

Unidades Linguísticas	Vocábulos iguais	Percentagens
Xinyai = Xitshwa	6	5
Xinyai = Ximashanga	112	100

Os quadros X e XI mostram que há mais elementos comuns entre o Xinyai e Ximashanga, ao contrário de Xinyai e Xitshwa o que reforça a ideia de que o Xinyai pode ser variante de Cindau.

### 1.1.7. Sistema de Contagem

Nas línguas bantu o sistema de contagem pode ser de base cinco ou de base dez. Portanto, torna-se necessário identificar a base de contagem das três unidades linguísticas envolvidas no nosso trabalho para uma posterior comparação.

Quadro XII: Sistema de contagem de Xinthswa, Xinyai e Ximashanga

Xitshwa	Xinyai	Ximashanga	Português
Jenwi	Posa	Posa	Um
Mbiri	Piri	Piri	Dois
Nharu	Tatu	Tatu	Três
Muni	Cina	Cina	Quatro
Tlhanu	Xanu	Xanu	Cinco
Tlhanu ni yinwe	Tandhatu	Tandhatu	Seis
Tlhanu ni -mbiri	Xinomwe	Xinomwe	Sete
Tlhanu ni -nharu	Sere	Sere	Oito
Tlhanu ni muni	Pfumbamwe	Pfumbamwe	Nove
Khume	Gumi	Gumi	Dez
Khume ni yimwe	Gumi na -posa	Gumi na -posa	Onze
Khume ni -mbiri	Gumi na -piri	Gumi na -piri	Doze
Khume ni- nharu	Gumi na -tatu	Gumi na -tatu	Treze
Khume ni muni	Gumi na cina	Gumi na cina	Catorze
Khume ni tlhanu	Gumi na -xanu	Gumi na -xanu	Quinze
Khume ni tlhanu ni yinwe	Gumi na tandhatu	Gumi na tandhatu	Dezasseis
Khume ni tlhanu ni -mbiri	Gumi na -nomwe	Gumi na -nomwe	Dezassete
Khume ni tlhanu ni -nharu	Gumi na -sere	Gumi na -sere	Dezoito
Khume ni tlhanu ni muni	Gumi na pfumbamwe	Gumi na pfumbamwe	Dezanove
Makhume mambiri	Makumi mawili	Makumi mawili	Vinte

O quadro mostra que o Xitshwa a sua base de contagem é cinco, enquanto o Xinyai e o Ximashanga são de base dez. Constata-se portanto, neste caso, um afastamento entre o Xinyai e o Xitshwa e uma aproximação entre o Xinyai e o Cindau

## **1.2. Aspectos sociolinguísticos**

Ao realizarmos um estudo a nível sociolinguístico, tem-se como objectivo verificar o grau da inteligibilidade mútua entre o Xinyai e o xitshwa e entre aquele e o Cindau e avaliar o sentimentos dos falantes de Xinyai relativamente à sua variante em termos de grupo lingístico em que se julgam enquadrados.

### **1.2.1. Teste de inteligibilidade**

Para analisamos o nível de compreensão que alguns jovens falantes nativos de Xinyai têm em relação ao Xitshwa, recorreremos a um questionário de interpretação de um texto produzido em Xitshwa.

Não tendo sido possível administrarmos um texto de mútua inteligibilidade rigoroso, submetemos 42 alunos da sétima classe com idades compreendidas entre 15 e 18 anos, a um teste de interpretação de um texto produzido na língua Xitshwa, texto da página 126 contido em (NELIMO1989).

Às perguntas de interpretação, no total de 4, os inquiridos deviam responder ou em Xitshwa ou em Português.

Essas perguntas de interpretação estavam assim formuladas:

- a) Pedro ahinixifuyo. Xifuyo muni? ' O Pedro tinha um animal. De que animal se trata?'
- b) Pedro na afamba ahlakana, xini angaxiwona xana? ' O Pedro quando andava a brincar, o que é que viu?'
- c) Imhangu muni yingamuhumela ke? ' Que tipo de acidente teve?'
- d) Xini xingakotisa aku Pedro akala akuma akuvhuniwa mhangweni angahi kayona ke? 'O que permitiu que o Pedro fosse socorrido?'

No fim do trabalho, apurámos os seguintes resultados:

.Na alínea a)-Cinco respostas certas, equivalentes a 11,9%

.Na alínea b)-Oito respostas certas, correspondentes a 19%

.Nas alíneas c) e d), nenhuma resposta certa.

Os índices numéricos exibidos mostram que entre o Xitshwa e o Xinyai, a inteligibilidade é muito fraca não sendo por isso possível considerar o Xinyai como variante de Xitshwa.

Portanto, a única hipótese que nos resta, é a de que o Xinyai é variante de Cindau

### 1.2.2. Entrevistas efectuadas no distrito de Govuro

Ao entrevistarmos os falantes residentes há muitos anos no distrito de Govuro, pretendemos entender e avaliar o seu posicionamento quanto à comunidade

linguística em que se consideram estar enquadrados os falantes da unidade linguística Xinyai.

No entender de alguns entrevistados, no distrito de Govuro só se falam, de facto, duas línguas, aspecto confirmado pelo Padre Amadeus Marchiol (residente desde 1956) ao dar a seguinte afirmação "...nesta grande área existem duas línguas: o Xitshwa e o Cindau.". Duma ou doutra forma o Padre Marchiol considera o Xinyai como variante de Cindau ao dizer que "O Xinyai e Ximashanga fazem parte da mesma língua, o Cindau. Não há ligação entre o Xitshwa e o Cindau.". A ideia da recusa da integração do Xinyai no grupo de Xitshwa fica reforçada por Francisco Lua quando diz "Não existe Xitshwa chamado Xinyai."

Linguisticamente os falantes do Xinyai situam o seu grupo a norte do rio Save pois, a informante Helena Vena Sete estende a sua localização até ao Zimbabue ao afirmar o seguinte "Quando os zimbabueanos falam o Shona, nós os entendemos e eles também nos entendem quando falamos.". Existe também aqui a ideia de inteligibilidade entre o Xinyai e o Shona.

A ideia de identidade Ndaú no seio dos falante do Xinyai é partilhada por outros entrevistados como João Filipe e Carlota quando unanimamente afirmam que não têm outra língua além do Cindau.

Por tudo isto, conclui-se que os entrevistados não se identificaram e nem se querem identificar com os Vatswa, estando aqui implícita a ideia de que o Xinyai não é dialecto de Xitshwa, mas sim do Cindau.

Há um aspecto importante a salientar quando se pretende falar sobre aquilo que as pessoas pensam relativamente à variante Xinyai. Notou-se que de entre os entrevistados, os que não fazem parte do subgrupo Vanyai, embora admitam que estes são integrantes do grupo Ndau, não deixam de os chamar por Vanyai falantes de Xinyai. Em contrapartida os próprios Vanyai nunca gostaram de serem tratados por este nome por se considerarem Vashanga falantes de Ximashanga.

## V. Conclusões

### 1. Sobre aspectos estruturais

No âmbito das estruturas da língua trabalhamos com um total de seis amostras, nomeadamente a construção dos principais tempos verbais, as construções passivas, locativas, as partículas associativas e instrumentais e o léxico.

No estudo integramos ainda o sistema de contagem.

Quanto aos principais tempos verbais a ideia com que se ficou é a de que o Xinyai e o Ximashanga mostram uma grande tendência no predomínio da

partilha de elementos, tanto na sua morfologia, como na posição que ocupam em relação ao radical do verbo.

Relativamente às construções passivas, não se regista nenhuma diferença entre o Xitshwa, o Xinyai e o Ximashanga, fenómeno que tem justificação no facto de não existirem grandes variações nas línguas bantu. Entretanto, a semelhança entre o Xinyai e o Cindau constatada no parágrafo anterior e associada àquela que neste se observa, reforça a ideia de que o Xinyai exhibe mais elementos comuns aos do Ximashanga do que aos de Xitshwa.

No que respeita às construções locativas, a ideia com que se ficou é a de que o Xitshwa não partilha com o Xinyai nenhum morfema. Mas entre este dialecto e o Ximashanga existe uma regularidade na ocorrência dos morfema. Tudo isto leva-nos a crer que o Xinyai pode ser considerado dialecto de Cindau.

Nas partículas associativas concluiu-se que dos três morfemas que ocorrem nas unidades linguísticas em análise, existe apenas um que é comum ao Xitshwa e Xinyai e os restantes abrangem o Xinyai e o Ximashanga.

Nas partículas instrumentais os exemplos apresentados permitem a identificação de dois. Destes, um dos morfemas é comum ao Xinyai e Ximashanga.

O estudo feito em torno do léxico permitiu-nos verificar que os vocábulos tomados como amostra são exibidos tanto pelo Xinyai como pelo Ximashanga, numa percentagem de 100% em oposição à semelhança existente entre o Xinyai e o Xitshwa que só se apresenta com 5%.

O estudo comparativo dos sistemas de contagem de Xitshwa, Xinyai e Ximashanga, permitiu verificar que os dois últimos pares o seu sistema é de base dez, enquanto o Xitshwa é de base cinco.

Assim, todas estas constatações vêm reforçar a ideia de que o Xinyai deve ser considerado dialecto de Cindau e não de Xitshwa.

## **2. Sobre aspectos sociolinguísticos.**

As entrevistas efectuadas mostraram que os informantes que integram o subgrupo Vanyai sempre mostraram uma tendência da incorporação do seu dialecto no grupo Ndáu.

As entrevistas mostraram também que os mesmos informantes contrariamente àquilo que os outros grupos linguísticos pensam sobre eles, nunca se assumiram como Vanyai, mas sim Vashanga falantes de Ximashanga.

Os resultados obtidos no teste de interpretação revelaram que os falantes de Xinyai que serviram de amostra possuem baixo índice de compreensão de Xitshwa.

Se tomarmos em consideração a regularidade constatada em 1.1 (sobre aspectos estruturais) entre o Xinyai e o Ximashanga na partilha das várias características inventariadas e a maneira como os informantes Vanyai reagiram em relação ao seu enquadramento linguístico, podemos afirmar que é válida a hipótese de que o Xinyai é variante de Cindau e não de Xitshwa.

## II. Recomendações

O trabalho que realizámos foi com o propósito de verificar se o Xinyai é dialecto de Xitshwa ou de Cindau, objectivo alcançado com o enquadramento de Xinyai no grupo linguístico Nda.

Porém, porque a resposta aos nossos objectivos não implica necessariamente a descrição das estruturas das variantes envolvidas, estamos cientes que muitos aspectos ligados a esta área ficaram por esclarecer.

Julgamos que ficaram ainda em aberto aspectos relacionados com a determinação exacta das variantes de Xitshwa.

Sendo assim, gostaríamos de deixar as seguintes recomendações:

- a) A realização de um estudo, visando a melhorar definição do estatuto linguístico de Xidonge que, segundo o relatório do NELIMO (1989), faz parte das variantes de Xitshwa, quando no nosso entender se pode colocar a mesma dúvida que se levantava em relação ao enquadramento de Xinyai no Xitshwa.
- b) A necessidade de aprofundamento do estudo descritivo das estruturas de Xitshwa, Xinyai e Ximashanga, em especial no que respeita às partículas associativas e construções locativas, visando aclarar questões que neste trabalho não foram suficientemente abordadas. O mesmo estudo irá permitir ainda melhorar a determinação das diferenças e semelhanças existentes entre o Xitshwa, Xinyai e Cindau
- c) O alargamento do estudo das variantes das línguas Moçambicanas, para o seu melhor conhecimento e enquadramento linguístico dado que no nosso trabalho sentimos a existência de uma lacuna na determinação, com exactidão, do seu número.

I

**OS PRINCIPAIS TEMPOS VERBAIS  
ESTRATÉGIA DA SUA CONSTRUÇÃO**

Português/ (i) \_\_\_\_\_.

1. Dançar ' \_\_\_\_\_ '.

1.1.a. Eu danço chigubo. \_\_\_\_\_

b. Tu danças chigubo. \_\_\_\_\_

c. Ele dançará chigubo. \_\_\_\_\_

c'. Eles dançarão chigubo. \_\_\_\_\_

d. O rapaz dançou chigubo. \_\_\_\_\_

d'. Os rapazes dançaram chigubo. \_\_\_\_\_

2. Vestir ' \_\_\_\_\_ '.

2.1.a. Nós agora vestimos as camisas. \_\_\_\_\_

b. Tu vestes a camisa. \_\_\_\_\_

c. O rapaz vestirá a camisa. \_\_\_\_\_

c'. Os rapazes vestirão as camisas. \_\_\_\_\_

II

CONTRUÇÕES PASSIVAS

SUA ESTRATÉGIA

PORTUGUES/(i) \_\_\_\_\_ -'

1. Comprar' \_\_\_\_\_ '

1.1.a. O Paulo comprou uma camisa. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

a'. Uma camisa foi comprada por Paulo. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

a" \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

a"' \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2.TECER' \_\_\_\_\_ '

2.1. a. Os rapazes tecem esteiras. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

a'. Esteiras são tecidas pelos rapazes. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

a" \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

a"' \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

III

CONSTRUÇÕES LOCATIVAS

SUA ESTRATÉGIA

1. PREFIXO LOCATIVO

1.1.a. Eu vou ao /para Maputo. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

b. O João vai a/para Beira. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

c. O Carlos e o João vão à machamba. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

d. O papá vai a/para Niassa. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

e. O trabalhador vai ao serviço. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

1.2.a. A mamã está dentro da casa. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

b. Os passageiros estão no carro. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

c. As crianças estão no carro. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

d. O milho está no carro. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

e. A pedra está no carro. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**2. PREFIXO ASSOCIATIVO**

2.1.a. Viajo com a mamã. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

b. Cantamos com o Armando. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

c. Dançamos com o papá. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

d. Trabalhamos com o papá. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

e. Viajo com a minha mãe. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

f. Cantamos com o meu irmão. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

g. Dançamos com o meu pai. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

h. Trabalhamos com o meu pai. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

### 3.PREFIXO INSTRUMENTAL

3.1a.Cortou a carne com a faca. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

b. Viajámos de carro. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

c. O Samuel come com o garfo. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

d. Os alunos capinam com a enxada. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

e. Chuto a bola com a bota. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## O Léxico

Anexo 2

	PORTUGUÊS	XITSHWA(xidzivi)	XITSHWA (ximhandla)	XINYAI	XIMASHANGA
1	Corpo	miri	miri	muviri (i)	muviri (i)
2	Cabeça	hloko	hloko	musoro (i)	musoro (i)
3	Cérebro	uluve(i)	uluve(i)	uluzvi (i)	uluzvi (i)
4	Orelha	ndleve	ndleve	njheve (i)	njheve (i)
5	Braco	woko	woko	mukono (i)	mukono (i)
6	Sovaco	khahala	khahala	hapwa (i)	hapwa (i)
7	Cotovelo	xisungunu	xisungunu	xikokola	xikokora
8	Palma da mão	canja	canja	canja conyara	canja
9	Dedo	litihu	litihu	xikunwe	xikunwe
10	Perna	nenge	nenge	gumbo	gumbo
11	Joelho	dzolo	dzolo	gokovhi	gokovhi
12	Tornozelo	hlakala	hlakala	xidjiso (i)	xidjiso (i)
13	Calcanhar	xirendze	xirendze	Cisisinindo	Cisisinindo
14	Osso	rambu	rambu	phondo/fupa	phondo
15	Coração	mbilu	mbilu	moyo (i)	moyo (i)
16	Pulmão	hahu	hahu	zazu	zazu
17	Saliva	mari(i)	mari(i)	mati (i)	mati (i)
18	Intestino	rumbo	rumbo	maura	maura
19	Sangue	khata	khata	ngazi	ngazi
20	Pai	baba	dadani/bava	baba	baba
21	Mãe	mamani	mamani	mai	mai
22	Filho	nwana wa xinuna	nwana wa xinuna	mwana wo lume	mwana wo lume
23	Filha	nwana wa xisati	nwana wa xisati	mwana wo kazi	mwana wo kazi
24	Marido	nuna	nuna	mulume	mulume
25	Esposa	sati	sati	mukadji	mukadji
26	Amigo	munghana	munghana	xamwari	xamwari
27	Tia(irmã do pai)	hahani	hahani	thathadji	thathadji
28	Genro	mwani	mwani	mukwambu	mukwambu
29	Casa	yindlu	yindlu	nyumba	nyumba
30	Porta	livate	livate	musuwo (i)	musuwo (i)
31	Catana	bhera	bhera	banganga	banganga
32	Peneira	lihlelo	mbhadi	mbhade	mbhade
33	Pilão	churi	churi	duli	duli
34	Colher de pau	kombe	kombe	mugo	mugo
35	Machado	beula	macado	beura	beura
36	Faca	mukwana	mukwana	xipanga	xipanga
37	Vassoura	pswiwelo	pswiwelo	mupswhayiro	mupswhayiro
38	Celeiro	tshala	tshala	nyumbu (i)	nyumbu (i)
39	Sal	munyu (i)	munyu (i)	munyu (i)	munyu (i)
40	Mapira	hila	hila	mapfhunde (i)	mapfhunde (i)
41	Milho	xipfhaki	xipfhaki	mabonore (i)	mabonore (i)
42	Animal	xihari	xihari	Xinyama	Xinyama
43	Galinha	huku	huku	huku (i)	huku (i)
44	Cabrito	mbuti	mbuti	mbudji (i)	mbudji (i)
45	Ovelha	yevu	yenvhu	bvuta	bvuta
46	Boi	homu	homu	mombe	mombe
47	PORTUGUÊS	XITSHWA(xidzivi)	XITSHWA(ximhandla)	XINHAI	XIMASHANGA
48					

	Burro	<b>mbongola</b>	<b>mbongola</b>	<b>mbongoyo</b>	<b>mbongoyo</b>
	Cão	byana	nguana	imbwa	imbwa
49	Leão	nghonyamu	nghala	mbhondoro (i)	mbhondoro (i)
50	Macaco	fenhe/hawu	fenhe/hawu	zindedede/koro	zindedede/koro
51	Rato	kondlo	kondlo	gonjo (i)	gonjo (i)
52	Peixe	njhanjhi	njhanjhi	hove	hove
53	Crocodilo	<b>ngwenya</b>	<b>ngwenya</b>	<b>ngwena</b>	<b>ngwena</b>
54	Caracol	humba	humba	gezi	gezi
55	Abelha	nyoxi	nyoxi	nyuci	nyuci
56	Formiga	sokoti	sokoti	usunji (i)	usunji (i)
57	Mosquito	sunu	sunu	nyunyu (i)	nyunyu (i)
58	Piolho	nhwala	nhwala	inda(i)	inda(i)
59	Giboia	hlaru	hlaru	xato	xato
60	Búfalo	nyari	nyari	nyati	nyati
61	Elefante	ndlovu	ndlovu	njowu	njowu
62	Trabalho	tiru	tiru	basa	basa
63	Puxar	kukoka	kukoka	kukweva	kukweva
64	Começar	kusangula	kusangula	kuphera	kuphera
65	Fazer	kumaya	kumaya	kuhita	kuhita
66	Comprar	kuxava	kuxava	kutenga	kutenga
67	Pagar	kuriha	kuriha	kuripa	kuripa
68	Comer	kuga	kuga	kuha	kuha
69	Engolir	kumita	kumita	kumidja	kumidja
70	Arrotar	kubisa	kubisa	kubyoka	kubyoka
71	Beber	kunwa	kunwa	kumwa	kumwa
72	Vestir	kuambala	kuboha/kuambala	kusimira	kusimira
73	Lua	wheti	wheti	mwedji (i)	mwedji (i)
74	Sol	gambu	gambu	zuva	zuva
75	Estrela	nyeleti	nyeleti	ndhondho (i)	ndhondho (i)
76	Chuva	vhula	m'vhula	m'vhura (i)	m'vhura (i)
77	Rio	congo	congo	murambo	murambo
78	Lago	tiva	tiva	gandwa	gandwa
79	Pedra	ribyi	rigi	buwe	buwe
80	Árvore	sinya	sinya	miti	miti
81	Raiz	mutsi	kweleti	midji (i)	midji (i)
82	Ramo	ravi	dzavi	davi	davi
83	Fruto	hanzu	hanzu	muphando	muphando
84	Contar	kuhlaya	kuhlaya	kumenenga	kumenenga
85	Um	jenwi	jenwi	posa	posa
86	Dois	mbiri	mbiri	piri	piri
87	Três	nharu	nharu	tatu	tatu
88	Quatro	muni	muni	cina	cina
89	Cinco	tihanu	tihanu	xanu	xanu
90	Seis	tihanu yinwe	tihanu yinwe	tandhatu	tandhatu
91	Sete	tihanu mbiri	tihanu mbiri	xinomwe	xinomwe
92	Oito	tihanu nharu	tihanu nharu	sere	sere
93	Nove	tihanu muni	tihanu muni	pfumbamwe	pfumbamwe
94					
95	<b>PORTUGUÊS</b>	<b>XITSHWA(xidzivi)</b>	<b>XITSHWA(ximhandla)</b>	<b>XINYAI</b>	<b>XIMASHANGA</b>
96					

## TESTE DE INTELIGIBILIDADE

1. Leia o seguinte texto e, depois, responda em xitshwa/português as perguntas com ele relacionadas.

Gin'wani siku, Pedro ilofamba ahlakana lomu khwatini.

Aximbyanyana xakwe xiharhandza kumulandzisela. Ilofamba naxo.

Pedro ilowona avhinyani. Ilotsutsuma alava kuyagikhoma.

Kanilezvi angawonangi ankele le mahlweni. Anenge wa Pedro wuloyahojomela lomu nkeleni, wukhudhuka.

Pedro ilorila, avhumala munhu wo muvhuna. Aximbyanyana xakwe xilotamuhlakanisa.

Xilowona lezvaku Pedro wabayiseka.

Xonawu xilosangula kuxaniseka, xirila, xiku: " wuuuu! Wuuuu!

Agezu ga ximbyanyana gilozwala le kaya. (...) Baba wa Pedro ilosuka hi kutsutsuma, aya tlhelo legi xingazwala kona ximbyanyana.

In" Nelimo ( 1989, p: 126) "

- 2.a. Pedro ahinixifuyo. Xifuyo muni? \_\_\_\_\_
- b. Pedro na afamba ahlakana, xini angaxiwona xana ? \_\_\_\_\_
- c. Imhangu muni yingamuhumela ke ? \_\_\_\_\_
- d. Xini xingakotisa aku Pedro akala akuma akuvhuniwa mhangweni angahi kayona ke? \_\_\_\_\_

## INQUÉRITO SOCIOLINGUÍSTICO

NOME \_\_\_\_\_ IDADE \_\_\_\_\_ ANOS

RESIDÊNCIA \_\_\_\_\_

DATA \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 1998

1.a. Qual é a sua língua materna ? \_\_\_\_\_

b. A sua língua materna é parecida com que língua? \_\_\_\_\_

2. Em que zona do país se encontra a maioria dos falantes da sua língua ? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ porquê \_\_\_\_\_

3. Que línguas moçambicanas gostaria de aprender ? \_\_\_\_\_

4. Que línguas moçambicanas gostaria de falar ? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ porquê ? \_\_\_\_\_

5. Que línguas moçambicanas gostaria de ouvir falar ? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ porquê ? \_\_\_\_\_

6. Na sua maneira de ver, o que acha melhor:

a. Considerar o xinyai uma língua ? \_\_\_\_\_

b. \_\_\_\_\_ porquê \_\_\_\_\_

c. Considerar o xinyai como um dialecto ? \_\_\_\_\_

De que língua ? \_\_\_\_\_

## BIBLIOGRAFIA

1. Amorim, José Fortes Pessoa de, os "Vatssangas" (sic), monografia apresentada ao curso pelo secretário, 1957.
2. Carvalho, José G. Herculano de, **Teoria da linguagem**, natureza do fenómeno linguístico e a análise das línguas, Tomo 1, Atlântida Editora, 1967: 291- 345.
3. Doke, C.M. and Cole, D.T, **Contributions to the history of bantu**, JHB wit University press, 1984.
4. Ferreira, M. et al., **Variação Linguística**, in Faria, L.et al., **Introdução à Linguística geral e Portuguesa**, Lisboa, Editorial Caminho, 1996.
5. Firmino, Gregório, **o uso das Línguas Moçambicanas na Rádio Moçambique (algumas considerações sobre a questão da selecção das línguas para as emissões radiofónicas)**, seminário de radiodifusão em línguas Moçambicanas, Universidade Eduardo Mondlane, 1996.
6. Hudson, R.A., **Sociolinguistics**, Cambridge University Press, 1980:30-32.
7. Junod, H. Philipe,**Bantu studies**, a contribution to the study of Ndau demography, totemism, and history,(sd)
8. **Marcellesi, Jean-Baptista, Foidin, Bernard, Introdução à sociolinguística: a linguística social**, Lisboa, Editora Aster 1975:170.

9. Ngunga, Armindo S.A., **Breves notas sobre a situação linguística de Moçambique**, in *Jornal Notícias* 22.2.1992.
10. Pilião, Fernando, **Moçambique evolução da toponímia e da divisão territorial, "1974-1977"**, 1989.
11. Pinto, José M. De Castro, Parreira, Manuela, Lopes, Maria do Céu Vieira, **Gramática do Português Moderno**, Lisboa, Plátano Editora, 1994:22-30.
12. Katupa, J.M.M., **O panorama linguístico de Moçambique e a contribuição da linguística na definição de uma política linguística apropriada**, comunicação Portuguesa de Linguística realizada em Lisboa de 2 a 4 de Outubro de 1985 (Policópia).
13. **Trabalho de Arqueologia e Antropologia**, Departamento de Arqueologia, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 1987:19-30.